

Europeus não chegam a acordo sobre força de paz

Desacerto foi para garantir a segurança de Kiev no caso de trégua

/ GUERRA NA UCRÂNIA

Em mais uma reunião para mostrar apoio à Ucrânia enquanto os Estados Unidos de Donald Trump se aproximam da Rússia na visão sobre a guerra iniciada há três anos, líderes ocidentais concordaram em divergir novamente sobre como ajudar Kiev em uma reunião em Paris nesta quinta-feira.

Foi o terceiro encontro do tipo liderado pela França e pelo Reino Unido, que somaram outros 29 países ao que chamam de “coalizão dos dispostos” - no caso, a continuar o apoio ocidental a Volodymyr Zelensky, que estava presente. Os EUA não estavam presentes.

Nas outras reuniões, os líderes não se acertaram no fornecimento de € 5 bilhões (R\$ 31 bilhões) em artilharia e outros auxílios aos ucranianos. Nesta quinta, a discórdia foi acerca de uma força de paz para garantir a segurança de Kiev no caso de haver um cessar-fogo com Moscou.

Agora chamada de “força de resseguro” pelo presidente francês, Emmanuel Macron, tal contingente internacional seria baseado em cidades estratégicas da Ucrânia, evitando a linha de frente de um conflito congelado enquanto um acordo de paz não sai.

“Não foi unânime hoje, como todos sabemos, mas nós não precisamos de unanimidade”, disse Macron ao lado de Zelensky, sugerindo que Paris e Londres seguirão com a montagem do plano sem o apoio de atores europeus importantes, como a Itália



Foi o terceiro encontro do tipo liderado pela França e pelo Reino Unido

lia e Polônia, e com a oposição aberta da russófila Hungria.

Em princípio, apesar de sua guinada pró-Kremlin que disparou rodadas de negociações que não ocorriam desde o começo da guerra, Trump aprova a ideia, desde que não envolva forças americanas. O republicano conversou, antes da cúpula de Paris, com Macron.

Na prática, contudo, é incerto como o plano irá em frente, não menos porque ele é vetado de forma peremptória por Putin, e Trump tem sido bastante aberto às pressões vindas do Kremlin enquanto busca o título de pacificador do conflito.

O americano até se mostrou simpático quando o Kremlin disse aderir a um cessar-fogo nas atividades militares do Mar Negro, desde que fossem levantadas sanções a instituições russas que financiam a exportação de fertilizantes - que escoavam pela região e tiveram de achar caminhos alternativos mais ca-

ros com a guerra.

No encontro de Paris, houve relativo consenso de que tal medida seria inaceitável agora. “Houve absoluta clareza de que a Rússia está tentando adiar [a trégua], está jogando jogos”, disse o premiê britânico, Keir Starmer. Ele foi acompanhado no raciocínio pelo demissionário colega alemão, Olaf Scholz.

Zelensky, por sua vez, usou o tom acusatório de costume. Disse que o outro item da trégua provisória negociada pelos EUA com times ucranianos e russos na Arábia Saudita, o fim de ataques ao sistema energético dos rivais, estava sendo violado pela Rússia.

O líder ucraniano voltou para casa com mais promessas de ajuda, a começar pela do anfitrião do encontro, que prometeu mais € 2 bilhões (R\$ 12,4 bilhões) em apoio militar. Como ocorreu em episódios passados, o tempo de liberação desses recursos é bastante nebuloso.

‘Putin vai morrer em breve’, afirma Volodymyr Zelensky à TV francesa

Em entrevista a uma TV francesa, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, disse acreditar que viverá mais tempo que o líder russo, Vladimir Putin. “O que ele teme é perder seu poder. É uma questão de estabilidade da sociedade, mas também depende de sua idade. Ele vai morrer em breve, isso é um fato, e tudo estará acabado. É disso que ele tem medo. Acho que ele também tem medo de ficar sozinho. Putin quer ficar no poder até morrer”, afirmou Zelensky.

Sem dar detalhes de por que crê na morte de Putin, o líder ucraniano reavivou rumores sobre a saúde do presidente russo. Em 2022, veículos norte-americanos chegaram a reportar que ele tratava de um câncer, algo que nunca foi confirmado.

A um jornalista que perguntou como ele acha que será lembrado pela história, Zelensky respondeu: “Farei tudo o que estiver ao meu alcance pelo resto da minha vida para defender a Ucrânia enquanto tiver forças para isso. Mas sou definitivamente mais jovem que Putin, então aposte em mim, pois tenho melhores perspectivas”.

Zelensky afirmou ainda que a Otan (aliança militar ocidental liderada pelos EUA) “é a única garantia sólida de segurança para a Ucrânia”. Disse ainda que, nas 24 horas anteriores, tanto russos quanto ucranianos, que negociam um cessar-fogo, evitaram ataques mútuos às infraestruturas de energia. Mas ressaltou: “Ninguém acredita nos russos, não sabemos se isso será constante”. Minutos antes da entrevista, Zelensky se encontrou com o presidente da França, Emmanuel Macron, no Palácio do Eliseu, preparando a reunião de cúpula desta quinta-feira, em Paris, para discutir os rumos da

guerra na Ucrânia.

O presidente ucraniano foi questionado por jornalistas de França, Reino Unido, Alemanha, Estônia e Finlândia. Foi cauteloso ao falar do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, mas não poupou críticas ao enviado da Casa Branca para tratar do conflito, Steve Witkoff, que, entre outras declarações interpretadas como pró-Putin, afirmou que o líder russo “não é um mau sujeito”.

“Witkoff cita a narrativa do Kremlin com bastante frequência. E não acho que isso nos deixará mais próximos da paz. Infelizmente, acho que isso enfraquecerá a pressão americana sobre a Federação Russa. Estamos muito preocupados com as declarações de Witkoff”, disse o presidente ucraniano.

Zelensky fez três referências ao chamado “Sul Global”, grupo de países no qual o Brasil é frequentemente incluído. Todas foram para lamentar a influência da propaganda russa sobre esses países. “O Sul Global, com todo o respeito, não isolou Putin e continuou a ter contato com ele. E acho que, dessa forma, eles o ajudaram”, afirmou.

Zelensky afirmou, também, que Donald Trump precisa adotar “atitudes mais fortes contra o líder do Kremlin e reforçou a necessidade de maior pressão internacional sobre a Rússia. “Todos precisamos, e não apenas queremos, que os EUA fiquem mais fortes contra a Rússia”, afirmou, destacando que os EUA são “muito importantes para a Ucrânia” e podem influenciar Moscou a encerrar a guerra, “mesmo que Putin não queira”.

Sobre negociações com o Kremlin, Zelensky pontuou que “Putin não está pronto para conversas diretas conosco”, e afirmou não temer um encontro pessoal.

Argentina busca novo empréstimo do FMI de US\$ 20 bilhões

/ ARGENTINA

A Argentina busca novo empréstimo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) - no valor de US\$ 20 bilhões - para, segundo o governo de Javier Milei, reforçar as reservas do Banco Central (BC) do país. Para críticos, a medida busca evitar o crescimento da inflação por falta de dólares. Ao longo da sua

história, a Argentina já realizou 23 empréstimos com o FMI.

“O montante que nós acordamos com o staff [equipe técnica do FMI], que o board [diretoria-executiva do Fundo] ainda precisa decidir se aprova ou não, é de US\$ 20 bilhões. É muito superior ao montante que se vem escutando de algumas pessoas”, afirmou o ministro da Economia, Luis

Caputo, nesta quinta-feira, durante evento do setor de seguros latino-americanos.

Não há informações ainda sobre as exigências do FMI para o novo empréstimo. O chefe da política econômica do governo argentino disse ainda que negocia outros empréstimos “de livre disponibilidade” com Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o

Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe (CAF).

O anúncio do ministro ocorre dias após ele se negar a dar detalhes das negociações com o FMI. O diretor do Observatório da Dívida Pública Argentina, o historiador Alejandro Olmos Gaona, disse que Caputo buscou tranquilizar o mercado financeiro devido à pressão cambial dos últimos dias,

que seria um resultado de especulações sobre o acordo com o Fundo.

“Em um mês, US\$ 1,4 bilhão foi gasto para acalmar o mercado de câmbio, e agora o dólar continua subindo. Esta declaração do ministro certamente, como ele disse, visa acalmar um pouco a taxa de câmbio e os mercados”, afirmou o diretor da Agência Brasil.